

**ANTERO DE QUENTAL E A DEFESA DO IDEALISMO
NATURALISTA**

**ANTERO DE QUENTAL AND THE DEFENSE OF THE
NATURALIST IDEALISM**

Paulo M. Barroso

Escola Superior de Educação de Viseu

RESUMO: Este artigo problematiza as relações entre a filosofia e a ciência. O ponto de partida é a tese do idealismo naturalista de Antero de Quental. Esta tese é edificada na base das críticas à filosofia da natureza positiva. Trata-se de uma questão dominante na obra *A filosofia da natureza dos naturalistas*, onde Antero de Quental propõe um idealismo dentro do naturalismo, enquanto superação sintética e sistemática da antinomia radical materialismo *versus* idealismo. Neste artigo interrogam-se a) as teses monistas e as diversas expressões do naturalismo (positivismo, materialismo, cientismo, etc.) e b) a perspectiva unificadora evolucionista, metafísica e positiva de Antero de Quental como forma de superar a antinomia materialismo *versus* idealismo. Demonstra-se a complexidade do tratamento filosófico desta questão e a importância, para a ciência, de uma demarcação sobre a especulação metafísica, numa época fértil para o positivismo de Auguste Comte e de Littré, o evolucionismo de Herbert Spencer, o monismo naturalista de Ernst Haeckel e o cientismo materialista.

PALAVRAS-CHAVE: Antero de Quental, ciência, cientismo, filosofia, metafísica.

ABSTRACT: This article problematizes the interactions between philosophy and science, based on the thesis of the naturalist idealism by Antero de Quental. This thesis is built on the criticisms of the philosophy of positive nature. This question is dominant in Antero de Quental's work *A filosofia da natureza dos naturalistas* [*The naturalists' philosophy of nature*], which proposes an idealism within naturalism, as a synthetic and systematic overcoming of the radical antinomy materialism versus idealism. This article questions: a) the monist theses and the different expressions of naturalism (positivism, materialism, scientism, etc.), and b) Antero de Quental's evolutionary, metaphysical and positive unifying perspective as a way to overcome the materialism versus idealism antinomy. It demonstrates the complexity of the philosophical treatment of this question and the importance for science of a demarcation on metaphysical speculation, in a fertile epoch for Auguste Comte and Littré's positivism, the evolutionism of Herbert Spencer, the naturalist monism of Ernst Haeckel and materialist scientism. **Keywords:** Antero de Quental, metaphysics, philosophy, science, scientism.

1. Introdução

Os princípios constituintes e edificantes de uma filosofia da natureza positiva, advogados pelos monistas materialistas, constitui o tema-problema dominante da obra *A filosofia da natureza dos naturalistas*,¹ de Antero de Quental (1842-1891). A proposta de Antero de Quental foi a de um idealismo dentro do naturalismo, enquanto superação sintética e sistemática da antinomia radical materialismo *versus* idealismo. O ponto de partida de Antero de Quental e desta sua obra é a recensão crítica do livro de Arthur Vianna de Lima, *Exposé sommaire des théories transformistes de Lamark, Darwin et Haeckel*, de 1886. Consistindo no seu primeiro escrito filosófico, conforme Antero de Quental admite, a *FNN* contém ideias amadurecidas que representam o ponto onde chega “no fim de anos de reflexão”, segundo a carta que redige a Jaime Batalha Reis, em 12 de

¹ Ensaio originalmente publicado por Antero de Quental no jornal portuense *A Província*, entre os dias 1 e 5 de Março de 1886. Esta obra é adiante designada pela abreviatura *FNN* (cf. Quental, 1989e).

Março de 1886 (cf. Quental, 1989d, pp. 771-772).

Os objectivos de Antero de Quental são essencialmente dois:

- i) apresentar e contestar as teses monistas e as diversas expressões do naturalismo (positivismo, materialismo, cientismo, etc.) do aludido livro de Arthur Vianna de Lima;
- ii) propor uma perspectiva unificadora evolucionista, metafísica e positiva como forma de superar a antinomia materialismo/idealismo.

Seguindo um método reflexivo e dialéctico, de análise crítica especulativa, Antero de Quental edifica uma crítica sobre alvos concretos, tais como o positivismo de Auguste Comte e de Littré, o evolucionismo de Herbert Spencer, o monismo naturalista de Ernst Haeckel e o cientismo materialista.

Neste sentido, a *FNN* contém a maior parte das questões que serão abordadas neste artigo, ao ponto de ser o objecto de estudo privilegiado sobre o qual se aplica um enfoque também analítico através de uma metodologia de reflexão e crítica. Os motivos pelos quais a *FNN* é relevante para a presente abordagem são os seguintes.

Primeiro, o fascínio pela expressão ideológica e produção cultural do século XIX em vários campos de conhecimento (tecnológico, científico, literário, filosófico, político, social, etc.), pelo qual se reconhece a fecundidade da segunda metade do dito século em alguns acontecimentos marcantes em Portugal: a conclusão da refutação dos princípios escolásticos e tomistas, que já vinha do Iluminismo; o combate ao romantismo e ao liberalismo da geração de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho, através da *Questão do bom senso e do bom gosto* (1865) e das *Conferências do casino* (1871), nas quais se destaca Antero de Quental; a elaboração da primeira teoria do moderno realismo português; a proposta de Antero de Quental e Eça de Queirós de modernização e europeização de Portugal; a tentativa pioneira em compreender o destino nacional no âmbito de uma filosofia da história; a adesão da filosofia positiva de Auguste Comte; o contacto com o idealismo hegeliano, principalmente através de Antero de Quental; o surgimento dos ideais republicanos e socialistas, sobretudo com Antero de Quental e Oliveira Martins.

Segundo, a compreensão de que nestes acontecimentos, que caracterizaram a história das ideias e da cultura em Portugal no século XIX, Antero de Quental foi influente entre os escritores, pensadores e historiadores portugueses orientados para a expressão de

um certo idealismo filosófico. Como pensador livre e em constante evolução, Antero de Quental e a sua obra (particularmente a *FNN*) interessam em termos filosóficos para a realização deste artigo.

Terceiro, a pouco conhecida (ou não tão conhecida como desejada) *FNN*, definidora de um pensamento filosófico de Antero de Quental, a par de *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*,² os *Sonetos* e uma ou outra missiva mais divulgada.

Quarto, a *FNN* constitui, por um lado, o primeiro escrito filosófico de Antero de Quental, conforme o próprio reconhece em missiva já mencionada a Jaime Batalha Reis, por outro lado, o início do fim, i.e. a última fase (1881-1890) de vida e de obra do autor em questão.³ Neste sentido, a *FNN* é uma obra de referência.

Quinto, a *FNN* também implica não apenas todas as questões anteriormente referidas no primeiro motivo como outros problemas e temas de mentalidade, cultura e pensamento (o naturalismo; o cientismo; a questão da evolução; a validade da metafísica ou especulação face à ciência; a liberdade; o determinismo; a teoria da espontaneidade; etc.). Neste período, a história das ideias em Portugal foi determinada pela abundância de doutrinas e teorias e pelo conseqüente conflito entre elas como antinomias fundamentais, como a de idealismo/positivismo. Todavia, coloca-se a dúvida se essa história das ideias foi efectivamente original, na medida em que o idealismo filosófico parece que teve uma simples expressão de reflexão (ou, quanto muito, de reacção) face ao que acontecia no estrangeiro.

Sexto, a poesia e a prosa de Antero de Quental podem ser mais facilmente entendidas se o seu pensamento filosófico for conhecido como um todo ou como um sistema sintético, para usar uma expressão do hegelianismo anterior. A este propósito unificador do ideal anterior entre a poesia e a filosofia, atente-se à carta reveladora do autor dirigida a Fernando Leal, de 12 de Novembro de 1886 (cf. Quental, 1987a, p. 312).

² Adiante designada por *TGF*.

³ Segundo vários autores, como Joel Serrão, que dividem o percurso evolutivo de Antero de Quental em quatro fases: a primeira entre 1861-1865; a segunda entre 1871-1875; a terceira entre 1876-1880; e a quarta entre 1881-1890 (cf. Serrão, 1991, p. 93).

Sétimo, admitindo os méritos filosóficos de Antero de Quental e evitando o tentador e fácil panegírico, a *FNN* é a expressão de uma época profícua na história da filosofia e da cultura em Portugal; e Antero de Quental foi o primeiro, conforme reconhece Lúcio Craveiro da Silva (cf. 1992b, p. 41), a compreender que nascera numa época de transição.

Estes sete aspectos são os pressupostos para o presente artigo, pois estas são também as justificações para falar de Antero de Quental e a defesa do idealismo naturalista. Por conseguinte, devido às compreensivas exigências temáticas, não haverá a oportunidade de falar de outros aspectos interessantes da vida e da obra de Antero de Quental, tais como a educação católica inicial e o posterior anticlericalismo; as raízes do pessimismo filosófico; a teoria geral do ser; a natureza de Deus; a prioridade do espírito; o absoluto; a liberdade efectiva; as fontes do socialismo emergente; o combate pela consciência e sentimento moral; etc.

2. A filosofia da natureza dos naturalistas: ciência vs. Metafísica

A *FNN* pertence a uma fase final de vida de Antero de Quental, mas também a uma fase de maturidade e sistematização do seu pensamento filosófico. Nesta obra, Antero de Quental sublinha claramente a sua posição crítica face às questões que o século XIX coloca com mais propriedade, como é o caso do confronto entre o estatuto/validade da ciência face à metafísica.

A *FNN* evidencia a acérrima crítica de Antero de Quental ao monismo naturalista de Ernst Haeckel. Este texto anterior, tal como a sua última obra (*TGF*, de 1890), identifica o alvo das suas preocupações filosóficas. O adversário a abater era o mecanicismo. A *FNN* foi escrita para contestar as teses expostas por Arthur Vianna de Lima em à *Exposé sommaire des théories transformistes de Lamarck, Darwin et Haeckel* (de 1886). Mas visava Haeckel e as diversas expressões do naturalismo (o positivismo, o materialismo, o cientismo, etc.).

Como forma histórica de mentalidade anterior ao idealismo subjectivo, o naturalismo constitui um ponto nevrálgico na obra de Antero de Quental. Com outra roupagem ou designação, o naturalismo constitui-se em materialismo ou, se preferirmos,

na tese do primado da realidade objectivável sobre a consciência. Este materialismo é um dos alvos de Antero de Quental. No quadro ideológico interno, os doutrinários portugueses serviam-se de um positivismo aparentado com o naturalismo que valorizava as conquistas materiais do progresso e que se associava ao amplo movimento de propaganda republicana.

Todavia, se Haeckel e o naturalismo positivista serviram de alvo a abater, também terão servido de motivação para Antero de Quental concretizar o seu sistema de síntese filosófica. Face ao cientismo exorbitante em Portugal e na Europa na segunda metade do século XIX, com repercussões nos ideais positivistas, materialistas, republicanos, evolucionistas, etc., Antero de Quental opta por apenas delinear (porque talvez não teve oportunidade de aprofundar) uma “metafísica positivista” reactiva.

A *FNN* é um dos ensaios mais importantes para a compreensão da ambígua posição filosófica assumida pelo autor. Neste ensaio, Antero de Quental desenvolve uma interpretação da filosofia dos séculos XVIII e XIX, partindo do tema dominante na época, as teorias sobre a filosofia da natureza, e tendo em conta algumas categorias fundamentais, tais como lei, força, vida e espírito. Mais tarde, as *TGF* iriam desenvolver e repercutir esta preocupação acerca das concepções de filosofia e, por inerência, de ciência (cf. Quental, 1989e, p. 95). Antero de Quental assume uma posição crítica sobre o estatuto da ciência, a validade do conhecimento científico e o que se pode definir por cientismo. É justamente sobre este tópico que se inicia a *FNN*.

2.1. Crítica ao cientismo

O cientismo, que surge e se desenvolve a partir do século XVI, assume no século XIX um tema de profundo debate. Na época de Antero de Quental discute-se sobre a validade do cientismo, por contraposição à metafísica. Conforme salienta Fernando Catroga:

“[...] principalmente a partir da década de 70, o cientismo começa a dominar entre nós, na versão positivista de Comte e de Littré, alargada com a aceitação do evolucionismo de Spencer e do monismo naturalista de Ernst Haeckel. E, se o empolamento da ciência foi característica comum à vanguarda da geração de Antero, a sua assimilação como uma

filosofia total e sintética [...] obrigou a que alguns, incluindo o jovem poeta, sentissem a necessidade de se demarcar do seu imperialismo.”
(Catroga, 2001, p. 14).

Assim, face à tendencial aceitação do valor das ciências e perante o rumo para o cientismo em que segue a filosofia, Antero de Quental diverge para um projecto filosófico que visava alicerçar metafisicamente as aspirações sociais. A crítica ao cientismo de Antero de Quental data já dos finais dos anos 1860. Mas Antero de Quental não pretendia negar a validade da atitude positivista que remetia para a factualidade do real; apenas contestava o suposto carácter auto-suficiente da ciência, que refutava o contributo das explicações metafísicas do mundo. Por isso, criticava o positivismo enquanto concepção cientista da realidade que se baseava num dogmatismo e correspondia a um obstáculo à renovação mental e social requerida pelo progresso científico, pela evolução do espírito humano e pelo desenvolvimento da sociedade.

Em *FNN*, Antero de Quental estabelece um pressuposto fundamental em torno da ideia de evolução. Claramente influenciado por Hegel, Antero de Quental atribui à ideia de evolução a possibilidade de determinação das concepções de filosofia e de ciência. Para Antero de Quental, o cientismo assumia, por um lado, uma perspectiva estritamente materialista e determinista da realidade, por outro, negava a espontaneidade aos fenómenos naturais. Por isso, é criticado e recusado, independentemente de Antero de Quental reconhecer a importância do conhecimento científico da realidade. Outro problema do criticismo colocado por Antero de Quental tem a ver com o recurso às generalizações, que constituem perigos para a intelecção da realidade a partir de certas concepções.

Partindo da análise crítica do livro de Vianna de Lima sobre as modernas teorias transformistas, Antero de Quental explica, logo no primeiro parágrafo de *FNN*, que o próprio título da obra, *Exposé sommaire des théories transformistes*, indica tratar-se de:

“[...] uma espécie de *suma* das doutrinas professadas sobre a filosofia da natureza por uma escola considerável, cuja cabeça, E. Haeckel, é um dos nomes mais ilustres, e justamente ilustres, da Alemanha intelectual, na segunda metade do nosso século: e a obra do adepto não é indigna,

nem pela inteligência nem pelo saber, da escola nem do mestre.”
(Quental, 1989e, p. 93).

De acordo com a citação acima transcrita, compreende-se que Vianna de Lima fosse um seguidor das doutrinas professadas pelo conhecido embriologista alemão Ernst Haeckel, considerado o patriarca do monismo, pelo que a *Exposé sommaire des théories transformistes* é um livro de filosofia da natureza e representa a posição assumida pela respectiva escola monista.

Antero de Quental esclarece prontamente que não é naturalista, de forma a se poder compreender a sua análise de um texto e de um autor naturalista. Não sendo um livro de ciências naturais nem limitado ao campo científico, *Exposé sommaire des théories transformistes* é uma obra de filosofia da natureza, pelo que Antero de Quental reconhece, em si, autoridade para “emitir algumas opiniões fundamentadas” sobre o livro, sobre Vianna de Lima e sobre a dita escola filosófica, “cujos chefes respeito e cuja importância não desconheço; mas cujas tendências estão muito longe, em meu entender, de serem satisfatórias” (Quental, 1989e, p. 93).

Independentemente de não ser naturalista, Antero de Quental reage contra o naturalismo. Para o efeito, refere a figura mais significativa do naturalismo, Alexander von Humboldt, que dizia, referindo-se à filosofia da natureza puramente especulativa (então desenvolvida por Schelling e Hegel), que considerava singulares os naturalistas que pretendiam fazer química sem molharem a ponta dos dedos (cf. Quental, 1989e, p. 95). De forma análoga, Antero de Quental critica os que pretendiam fazer filosofia sem reflectir ou especular, porque a filosofia é, por natureza, especulativa, enquanto a ciência é a matéria-prima da filosofia.

Neste ponto, Antero de Quental estabelece uma clara distinção entre a filosofia e a ciência. Para Antero de Quental, era fundamental que um homem de ciência, por mais enciclopédico que fosse, reflectisse muito e profundamente sobre as questões puramente racionais que a ciência suscita e não poder por si resolver, para que seja também considerado um filósofo. Um tal homem de ciência sabe muito, mas não entende, porque são também relevantes as ideias abstractas.

“A filosofia não é o mero ajuntamento ou ainda o quadro empiricamente ordenado dos factos do universo: é a compreensão e explicação racional

e total desse grande quadro. Ora, uma tal explicação só é possível no ponto de vista das ideias últimas e fundamentais da razão (*substância, causa, fim*) e essas ideias têm por isso de ser tomadas em si, pesadas e analisadas.” (Quental, 1989e, p. 95).

É isso o que faz a metafísica, indispensável para a filosofia, porque “não há verdadeira compreensão racional nem verdadeira e total explicação” (Quental, 1989e, p. 95). “Metafísica (ou especulação) e ciência (ou observação) são duas séries convergentes, que partem de pontos opostos e com leis de desenvolvimento diversas; mas, como são convergentes, encontram-se: o ponto onde se encontram e [...] reciprocamente se penetram, é que é a filosofia” (Quental, 1989e, p. 95). Esta citação é relevante ao estabelecer que a filosofia se cruza quer na metafísica (forma) quer na ciência (matéria). Desconhecer ou desprezar o valor da metafísica, devido quer aos excessos intoleráveis do dogmatismo especulativo quer ao desenvolvimento das ciências naturais, torna possível, para Antero de Quental, o aparecimento de uma pseudo-filosofia da natureza, que se pretendia positiva e o produto das ciências.

Antero de Quental critica os “naturalistas filósofos” e, em particular, Haeckel, o mais eminente destes naturalistas. Por conseguinte, Vianna de Lima e a sua obra *Exposé sommaire des théories transformistes* são também criticados. O primeiro enquanto discípulo de Haeckel; a segunda enquanto resumo da doutrina, das ideias e das tendências filosóficas da escola monista-evolucionista defendida por Haeckel. Para Antero de Quental, o livro de Vianna de Lima constituía uma ocasião privilegiada para esclarecer as ideias sobre a evolução:

“[...] e o livro do discípulo, que se propôs resumir a doutrina, ser-me-á ocasião para fazer sobressair [...] a confusão e deficiência na análise das ideias, que impedem, a meu juízo, que a pretendida filosofia da natureza monista-evolucionista, apesar da imponente massa de ciência

sobre que assenta, atinja a verdadeira altura duma filosofia da natureza.” (Quental, 1989e, p. 96).⁴

A *FNN* é, por conseguinte, a reacção crítica de Antero de Quental ao cientismo. Antero de Quental analisa os pressupostos e os limites da ciência tal como esta foi entusiasticamente aceite e divulgada no século XIX. De acordo com Norberto Cunha, Antero de Quental identifica este cientismo quer com o positivismo, em termos epistemológicos, quer com o monismo materialista (ou filosofia da natureza) de Haeckel, em termos filosóficos (cf. Cunha, 1991, p. 331). As críticas que Antero de Quental fez ao monismo materialista ou filosofia da natureza de Haeckel pecam por um “reducionismo infeliz”, segundo Norberto Cunha (cf. 1991, pp. 331-332), ao parecerem, filosoficamente, sem originalidade quer porque o materialismo não é tão simples como ele o apresenta (nem se reduz a Haeckel e aos seus “epígonos”) quer porque o valor científico que Antero de Quental lhe atribui como base para uma filosofia da natureza metafísico-positiva está muito aquém.

Todavia, fica assente que Antero de Quental não reage bem à adesão entusiástica e às repercussões positivistas que o cientismo teve em Portugal. Esta é uma das primeiras ideias que surgem ao ler a *FNN*. Como estas questões e temas estão necessariamente associados entre si, pois giram em torno da grande controvérsia naturalista, surge também a crítica às noções e às ideias de “monismo” e “evolução” desenvolvidas de seguida.

2.2. Crítica à ideia de “monismo”

Incidindo a sua análise crítica sobre a ideia de “monismo”, Antero de Quental refere que parece que a palavra é que é nova, não a ideia, visto que “tanto valeria dizer panteísmo, ou ainda materialismo, pois não encontro no fundo daquela expressão nada mais do que nestas duas outras; a saber: uma concepção unitária da substância” (Quental, 1989e, p. 96). A ideia não é nova porque a concepção subjacente, referida na transcrição

⁴ Antero de Quental refere-se às noções de “monismo” e de “evolução” como capitais na formação da base da doutrina de Haeckel e que, por isso, precisavam ser esclarecidas. Por conseguinte, nas duas seguintes secções são apresentadas as objecções de Antero de Quental às referidas noções.

acima, é comum a muitas escolas, antigas e modernas (o atomismo, o panteísmo de Espinosa, o idealismo-realista de Hegel, etc.), pelo que é necessário evitar a generalidade e indeterminação que a envolve para poder caracterizar uma maneira especial de compreender as coisas. Antero de Quental nota que o monismo de Haeckel não possuía uma necessária precisão.

De acordo com Antero de Quental, é insuficiente afirmar, de forma abstracta e em termos filosóficos, a unidade da substância material, pois, importa definir essa substância de modo concreto, apresentá-la nas suas relações com a realidade, caracterizá-la positivamente, mostrá-la como a concebemos realizável (e não como a concebemos em si). Sendo assim insuficiente para a filosofia da natureza, é também insuficiente para a ciência (cf. Quental, 1989e, p. 97). As ciências da natureza têm feito precisamente isso, segundo Antero de Quental, ao reduzirem todas as modalidades da matéria ao elemento primordial “movimento”. Sempre que falam como homens de ciência, os monistas adoptam esta concepção, mas caem, como filósofos, em generalizações vagas e em confusões inextricáveis.

“É assim que o nosso autor começa por se declarar antimaterialista e pretende repelir o atomismo, afirmando que a matéria não pode ser definida por esta ou aquela propriedade, mas que ‘para o monismo, a matéria é o que é *in situ* [...] é aquilo que se manifesta aos nossos sentidos e ao nosso entendimento por modos diversíssimos, sob forma de fenómenos infinitamente variados [...] pretender isolar [desse conjunto] certas propriedades, abstrair certas qualidades, é grande erro [...] para ele [o monista] qualidades, propriedades específicas ou funcionais, funções, etc., são inerentes à matéria, em que se manifestam, e formam com ela um todo indissolúvel’.” (Quental, 1989e, p. 97).

Para Antero de Quental, Vianna de Lima dá a entender, mais adiante no seu livro, que todas as propriedades da matéria são formas do movimento e se reduzem a movimentos elementares. Antero de Quental cita Vianna de Lima, que disse que a força é a propriedade ou a maneira de ser mais geral da matéria, que todas as forças são redutíveis a movimentos, e que uma força não é mais do que matéria em movimento. Sobre este assunto, Antero de Quental aponta o que lhe parece ser uma contradição de

Vianna de Lima, na medida em que, se assim é como este autor descreve, a matéria já não é “tudo o que é *in situ*”, as suas propriedades não são já “insondáveis e indissolúveis”, nem é “grande erro abstrair do conjunto delas certas propriedades”, porque a matéria é caracterizada por uma propriedade fundamental, o movimento, da qual todas as outras são modalidades.

Neste sentido, Antero de Quental defende que seríamos, desta forma, levados ao dinamismo. Esta concepção de “dinamismo” é já reconhecida como mais precisa e mais prática do que a de “monismo”, que é vaga e indeterminada. Para esta concepção de “dinamismo”, Antero de Quental refere os contributos de Leibniz, de cuja filosofia é um reconhecido seguidor. Entendendo que a concepção monista da matéria é “confusa e mal definida e, por conseguinte, pouco filosófica”, essa confusão começa “em todos os aspectos da ideia de matéria”.

“É impossível, com efeito, passar-se naturalmente da noção duma substância una, simples e apenas virtualmente susceptível de omnímodas modalidades, para a rica e quase infinita variedade dos seres e qualidades de que se compõe a universal realidade.” (Quental, 1989e, p. 98).

O problema colocado por Antero de Quental resume-se em saber como é que essa substância se determina e, sendo una e simples, como pode efectivamente dar de si o movimento e a variedade, uma vez que a doutrina monista nada diz sobre esta questão.

“A concepção monista implica continuidade - e tudo no universo é descontínuo: implica simplicidade - e tudo no universo é complexo: implica inalterabilidade e indistinção - e tudo no universo é perpétua mudança, diferenciação e instabilidade.” (Quental, 1989e, p. 98).

Ao insurgir-se contra o atomismo e, simultaneamente, ao aceitar as ciências físicas e a redução da ideia de matéria à de movimento, Vianna de Lima demonstra o que Antero de Quental designa por “inconsistência do monismo no terreno das ideias gerais da natureza e a falta de análise segura que patenteia a concepção fundamental sobre que assenta” (Quental, 1989e, p. 98).

A concepção atomista baseia-se na ideia de descontinuidade da matéria. Essa ideia impõe-se como um facto à sensação, como um postulado à ciência e, necessariamente, à especulação. Se a matéria não é mais do que extensão inerte para o cartesianismo, então, como explicar a atracção ou o movimento na matéria? Segundo a perspectiva de Leibniz, tudo é extenso no mundo material; este estado de extensão, que constitui a natureza do corpo, pressupõe um poder quer de resistência quer de expansão; a matéria é essencialmente resistência, isto é, actividade.

Este tipo de metafísica não reconhece as massas inúteis e inactivas do cartesianismo, pois admite que há acção em todo o lado e que nenhum corpo existe sem movimento. A crítica a Descartes é notória por parte de Leibniz. Como afirma Antero de Quental, esta é uma das objecções que destronam a física cartesiana e a sua ideia de *res extensa*. Objecção já colocada por Pierre Gassendi, o atomista, como lhe chama Antero de Quental. Um atomista muito próximo da ciência materialista emergente no século XVII. Devido também ao seu pessimismo, Gassendi torna-se conhecido pelas suas objecções às *Meditações Metafísicas* de Descartes.

Considerando que “declamar contra o atomismo é fácil” e que “evitar com uma palavra vaga e ao mesmo tempo pomposa as dificuldades que envolve a concepção, da matéria, é mais fácil ainda”, Antero de Quental admite que ambas as tarefas não são as que se esperam de “verdadeiros filósofos”, porque só merece o nome de “filosofia da natureza” quando se assentar uma doutrina da matéria sobre a análise das ideias de substância, força e movimento. Mas uma doutrina que satisfaça, simultaneamente, as exigências racionais da especulação e as práticas da indagação científica. Como refere que nada disso encontra no monismo de Haeckel e dos seus discípulos, designadamente o de Vianna de Lima, então, “o terreno sobre que pretendem construir está, quanto a mim, muito longe de ser sólido” (Quental, 1989e, p. 99).

Antero de Quental dedica-se, depois, à questão da espontaneidade da matéria. Continua a criticar quer a concepção monista, em geral, quer aspectos do livro de Vianna de Lima, em particular:

“O Sr. Viana de Lima afirma, por assim dizer, dogmaticamente, nas suas ‘Observações preliminares’, essa espontaneidade e protesta contra a física da inércia: entretanto, todo o seu livro, toda a sua maneira de compreender a evolução pressupõe a inércia da matéria. É que duma

afirmação a uma teoria vai uma certa distância, e não me consta que algum dos mestres do monismo tentasse ainda formular essa teoria. O assunto envolve com efeito uma dificuldade, que me parece exceder a capacidade especulativa dos doutores monistas.” (Quental, 1989e, p. 99).

Segundo Antero de Quental, a ideia da espontaneidade da matéria defendida pelo monismo era contraditória com a noção de inércia. Era uma ideia puramente especulativa que “parece estar em contradição com a teoria da conservação do movimento, que domina nas ciências físicas”. Por isso, Antero de Quental não só admite ser impossível à doutrina monista resolver esta contradição como, pelo contrário, o livro de Vianna de Lima aplica o princípio da conservação do movimento sem reserva ou explicação. A evolução é apresentada como o exclusivo resultado do puro mecanismo e a espontaneidade da matéria é desconhecida ou negada implicitamente. A contradição reside no facto desta tese constituir, por um lado, o fundamento filosófico de *Exposé sommaire des théories transformistes*, por outro, o alvo a destruir.

“[...] se havemos de entender que todo o movimento, seja de que ordem for, é não só condicionado por um movimento anterior, mas realmente e exclusivamente uma transformação desse movimento anterior, é claro que tal concepção do movimento exclui *in limine* a ideia de espontaneidade.” (Quental, 1989e, p. 100).

A contradição parece inócua, mas é estrutural: por um lado, se a matéria, em geral, é dotada de espontaneidade (isto é, se o movimento lhe é inerente), por outro lado, qualquer movimento particular e todo e qualquer movimento se reduz, no fundo, a uma simples transformação das acções anteriores que o condicionam. Então, pergunta Antero de Quental: como se concebe a espontaneidade geral e teórica da matéria? Se todos os movimentos são condicionados indefinidamente por outros movimentos anteriores e nas mesmas relações (isto é, se todos os movimentos não tem autonomia, porque são reduzidos a transformações de movimento), não existe nem pode existir movimento espontâneo. Então, o que significa a espontaneidade atribuída teoricamente à matéria? Como explicar o movimento universal (que está em toda a parte) e constitui efeito sem ter causa?

“[...] a ideia de matéria, segundo os monistas, está muito longe de apresentar a definição e consistência necessárias. Ora, essa ideia tem de ser a pedra mestra de toda a construção filosófica na esfera da natureza. Afinal de contas, bem apertada e espremida, a doutrina da matéria, segundo a filosofia monista, reduz-se, como creio ter mostrado, às noções correntes, nas ciências físicas, de átomo e força.” (Quental, 1989e, p. 100).

Antero de Quental esclarece que não pretende contestar o valor e a legitimidade das noções de matéria, átomo, força e movimento na esfera das ciências. Reforça, todavia, a ideia que a conservação do movimento é um facto científico, um facto que, pela sua generalidade, envolve a explicação de inúmeros outros factos e tem o valor de uma teoria puramente científica. Neste sentido, a questão da validade da ciência está implícita e Antero de Quental aproveita para reforçar a ideia de que a ciência e a especulação são “cousas muito diversas, embora dependentes uma da outra” (Quental, 1989e, p. 101). O que basta à ciência (por exemplo, ideias legitimamente irreduzíveis) não é suficiente à especulação (onde as ideias são redutíveis a categorias transcendentais) e vice-versa. As ciências ou o conjunto das ideias gerais das ciências não podem suprir ou substituir a filosofia, que contém a totalidade dos elementos racionais da compreensão do universo. Assim, criticando claramente a ideia de “evolução” na perspectiva monista, Antero de Quental refere que “o monismo, atribuindo ao ponto de vista das ciências físicas um carácter absoluto, arvorando as ideias gerais dum grupo de ciências em ideias últimas e irreduzíveis, exorbitou da ciência sem ao mesmo tempo fazer acto de filosofia” (Quental, 1989e, p. 101).

2.3. Crítica à ideia de “evolução”

Começando por referir que, para Vianna de Lima, a designada teoria geral da evolução não é um sistema, Antero de Quental adverte para a necessidade de apurar a noção metafísica de “evolução” e de questionar a generalidade científica da ideia subjacente:

“A verdade é que uma teoria positiva da evolução, como a sonham os monistas [...] só seria possível se se dessem duas condições capitais: 1 ° que a ideia de evolução se impusesse a toda a ordem de fenómenos, ou (o que para nós vale o mesmo) presidisse superiormente a todas as ciências; 2 ° que, além de explicar, dentro do distrito de cada ciência, os factos nele compreendidos, explicasse também a passagem evolutiva de cada urna dessas ordens para a sua imediata, sem ter de recorrer a nenhuma ideia nova e superior.” (Quental, 1989e, p. 103).

Segundo Antero de Quental, nenhuma destas condições referidas se realiza. A ideia de evolução só impera em certas ciências. A física e a química, por exemplo, encontram-se excluídas. A ideia de evolução apenas intervém onde o elemento histórico representa um papel importante e onde existe, por conseguinte, uma esfera limitada da fenomenalidade, como nas ciências sociais, Antropologia ou Astronomia. A passagem de uma determinada ordem de fenómenos para outra não se pode explicar evolutivamente em termos científicos, porque o elemento comum dessas várias ordens é abstracto, o movimento, que, pela sua mesma abstracção, não é capaz de dar razão do que há de especial em cada uma delas e a caracteriza, isto é, a forma ou função especial que representa.

Contrariamente à perspectiva monista, a doutrina da evolução é, segundo Antero de Quental, extremamente simples e lógica, fundando-se numa única ideia metafísica, o *devenir*, conforme atesta a missiva de 26 de Novembro de 1873 a Oliveira Martins (Quental, 1989c, pp. 225-228). Por “*devenir*”⁵ Antero de Quental entende a ideia que se estabelece como ponto de partida e de chegada da sua teoria sobre a evolução. Opõe-se à ideia de imutabilidade. Esta doutrina do devir ou do “*devenir*” encontra a sua expressão última no soneto anterior intitulado “Evolução” (Quental, 1987b, p. 122). As influências de Hegel neste soneto são evidentes: a ideia de absoluto; a dialéctica do ser (que foi e que é); a aspiração pela liberdade; o tema da evolução biológica do ser (no conteúdo do poema

⁵ Termo que deriva etimologicamente do francês “*devenir*” e que é sinónima da palavra latina *fieri* (“devir”).

e no seu título); a indagação do infinito.⁶

Para Antero de Quental, a doutrina monista da evolução, formulada por Haeckel e seus discípulos, como Vianna de Lima:

- i) não é, como se pretendia, uma doutrina positiva, fundada nas ciências e natural consequência das ciências;
- ii) implica uma extensão abusiva da indução científica e ilegítima generalização de uma hipótese;
- iii) tem, em despeito das suas pretensões de positividade, um carácter especulativo e é propriamente “um sistema”, uma construção filosófica, em que o *a priori* representa um papel preeminente.

Apesar de conter elementos científicos, esta doutrina não é científica; é uma hipótese filosófica (Quental, 1989e, p. 104). Assumindo esta resolução, Antero de Quental verifica que, como hipótese filosófica, a ideia de evolução não apresentava, na concepção dos monistas, a necessária definição e consistência que a caracterizava enquanto produto da razão e não da imaginação. Assim acontecia porque, segundo Antero de Quental, “os monistas especulam mal” e porque a ideia de evolução se encontra destituída dos elementos de análise racional necessários para a conceber de forma filosófica. Se as pretensões monistas de positividade da ideia de evolução estivessem fundadas, esta ideia seria apenas um simples facto e não um princípio, pois:

“[...] os factos são apenas a matéria-prima da filosofia: são aquilo que se pretende explicar, enquanto só os princípios fornecem o critério e o ponto de vista dessa explicação; e a doutrina monista da evolução, que, como doutrina positiva, como generalização científica dos factos da natureza, está muito longe de ser rigorosa e fundada, peca por outro lado gravemente, como hipótese filosófica, como doutrina especulativa, pela falta de análise das ideias sobre que, para merecer o nome de filosofia da natureza, se deveria apoiar.” (Quental, 1989e, p. 105).

⁶ As marcas hegelianas também são evidentes, por exemplo, em dois outros sonetos muito conhecidos e ambos intitulados “Tese e antítese”, que seguem a dialéctica de *A Fenomenologia do Espírito*, de Hegel.

Claramente contra a teoria monista da evolução, Antero de Quental demonstra que o evolucionismo monista apenas devia ser considerado como tentativa filosófica de explicação:

“A ideia de evolução implica necessariamente a de finalidade; esta contém a explicação racional daquela, que, só por si, é ininteligível e até contraditória. Se o movimento, acto essencial da matéria, é autónomo (e é esta a tese monista fundamental) tal movimento não pode ser concebido senão como um impulso espontâneo, por conseguinte como uma verdadeira determinação voluntária: ora, onde há determinação voluntária sem móbil, sem fim? Pois não é precisamente o fim que determina a vontade, e que explica o acto?” (Quental, 1989e, p. 105).

A ideia monista de evolução errava por não considerar necessariamente a ideia de finalidade, que contém, em si, a exigida explicação racional de “evolução”. Também errava por considerar que o movimento é autónomo, concebido através de impulsos espontâneos. Existe, por conseguinte, uma contradição clara em admitir a determinação autónoma ou espontaneidade do movimento e, em simultâneo, a finalidade do movimento. De acordo com Antero de Quental, é inconcebível um movimento autónomo que não tende para um fim, porque se não há fim, esse movimento não tem motivo nem fundamento para existir. Por isso, a ideia de finalidade é, para Antero de Quental, “a pedra angular de toda a construção filosófica no terreno da natureza” (Quental, 1989e, p. 105).

Para fundamentar esta ideia, Antero de Quental refere que esta perspectiva era também a da *Monadologia* de Leibniz, bem como a de Schelling e a de Hegel, “os verdadeiros pais da moderna filosofia da natureza”. O erro de Haeckel e dos seus discípulos reside, segundo Antero de Quental, no desprezo da metafísica e na “pretensão quimérica de fundar uma filosofia da natureza positiva e exclusivamente arquitectada no terreno da ciência”, que leva ao desconhecimento da importância capital da ideia de finalidade e à destruição do que lhes deveria servir de primeiro fundamento para o que pretendiam.

2.4. Crítica ao positivismo dos naturalistas

Depois de criticar as noções de “monismo” e de “evolução”, esta última visada por não considerar a ideia subjacente de finalidade, Antero de Quental critica o livro de Vianna de Lima que combatia, precisamente, a ideia de finalidade nos domínios da natureza. Antero de Quental também visava os teólogos que despojavam a matéria “das suas propriedades espontâneas e da sua infinita virtualidade”, vendo em tudo, por conseguinte, “os efeitos duma direcção exterior e se extasiavam diante das harmonias intencionais da Criação” (Quental, 1989e, p. 105). Nas palavras de Antero de Quental:

“[...] o Sr. Viana de Lima tornou a nuvem pela deusa, tomou a concepção infantil e antropomórfica da finalidade pela própria ideia metafísica de finalidade. Se o Sr. Viana de Lima se despojasse por algum tempo dos seus hábitos de pensamento de puro naturalista e estudasse um pouco os tão abomináveis metafísicos, não só Leibniz e Hegel, mas ainda o representante nosso contemporâneo da alta especulação, Hartmann (que é, não menos do que foram aqueles dois, profundamente versado nas ciências da natureza) veria que a ideia de finalidade não se reduz, como lhe parece, àquela concepção antropomórfica, que com tão fácil felicidade refuta no seu livro. Veria que a finalidade pode ainda ser concebida como imanente à matéria e como aquele segundo elemento que vem integrar, juntando-se ao movimento, a noção da realidade; que, neste caso, longe de ser contraditória com a espontaneidade do movimento, é justamente a explicação do movimento; que o que parece efeito, no ponto de vista do puro mecanismo, é causa, no ponto de vista da finalidade.” (Quental, 1989e, p. 106).

Assim, para Antero de Quental a ideia de finalidade era fundamental e era, precisamente, descurada pelo monismo. Por conseguinte, Vianna de Lima teria notado que o movimento em geral é racionalmente inexplicável e inconcebível “sem a ideia de finalidade ou de causa final” e que a evolução, enquanto movimento hierarquizado ou desenvolvimento, implicava necessariamente uma finalidade. Não há desenvolvimento ou progresso sem finalidade. Desta maneira adversa à metafísica especulativa, é o próprio

livro de Vianna de Lima que, seguindo a doutrina de Haeckel, se destrói a si mesmo e destrói também a edificação de uma filosofia da natureza.

“Que concluiremos de toda esta crítica?”, pergunta Antero de Quental. É precisamente esta a pergunta que se espera ver respondida, depois da sua análise eivada de críticas quer ao livro de Vianna de Lima quer a Haeckel, por consequência natural. Então, as conclusões de Antero de Quental são enumeradas da seguinte forma:

- i) os “naturalistas não filósofos” não podem construir uma filosofia da natureza que se fundamente e se sustenha;
- ii) não pode haver nem filosofia positiva nem filosofia da natureza positiva, isto é, puramente científica (Quental, 1989e, p. 107).

Tendo em conta a conclusão ii), Antero de Quental alude à “quimera de uma filosofia positiva”, insurgindo-se contra os positivistas, que cometem o erro de pensar num conhecimento científico que representa o conhecimento último e perfeito ou supremo e definitivo. Para Antero de Quental, o conhecimento científico constituía apenas “a região média do conhecimento, entre o senso comum, dum lado, e o conhecimento metafísico, do outro”, pois, é “a razão que tem, em última instância, de se pronunciar sobre o valor e o lugar, na compreensão total do universo, dos dados quer do senso comum quer da ciência” (Quental, 1989e, p. 107). Segundo Antero de Quental, é esta compreensão total que, por um lado, constitui a filosofia enquanto “edifício sempre em construção” e em renovação nos seus materiais, correspondendo “às mais altas faculdades do espírito humano” e, por outro lado, nega a possibilidade de se falar em filosofia positiva ou até em idealismo. Esta concepção de filosofia como reinvenção permanente é teorizada nas *TGF*: “A filosofia é [...] continuamente instável e flutuante, susceptível de progresso e sujeita ao retrocesso, desenvolvendo-se, como todas as coisas vivas, segundo uma linha sinuosa e complicada” (Quental, 1989e, p. 37).

É ainda na primeira parte desta obra que Antero de Quental refere:

- i) as dúvidas são o fundamento do dinamismo e fecundidade da filosofia;
- ii) não há verdades absolutas em filosofia (porque a verdade é relativa e determinada historicamente e porque uma filosofia definitiva implicaria a imobilidade do pensamento humano);
- iii) a filosofia, perspectiva da realidade, resume a multiplicidade na unidade (Quental, 1989e, pp. 37-38).

Voltando-se para a ideia de movimento, Antero de Quental defende que este não esgota o ser e este ser implica movimento e ideia. Criticando o idealismo e os naturalistas, refere que:

“Os naturalistas, desprezando ou ignorando as ideias, ignoram metade das cousas e a sua filosofia é só meia filosofia, ou antes, é só um arremedo da filosofia. ‘Tudo quanto é é racional’, disse Hegel. Pretender amputar a razão é pretender amputar a realidade. É dentro da razão, não fora dela, que têm de ser marcados os limites do conhecimento.” (Quental, 1989e, p. 108).

Antero de Quental reivindica a validade da razão capaz de reconhecer que “matéria” e “espírito”, “determinismo” e “liberdade”, “evolução” e “finalidade”, não são ideias contraditórias, apesar de parecerem como tal, mas são apenas duas esferas diferentes da compreensão. Usando a terminologia de Hegel, Antero de Quental sustenta que são a tese e a antítese, cuja síntese é a própria razão.

Na perspectiva de Antero de Quental, a concepção ideal de filosofia da natureza é aquela que corresponde às expectativas do século das ciências naturais e de Kant e Hegel, sem precisar de “rejeitar o determinismo universal e a evolução como a forma mecânica desse determinismo”.

“Determinismo e evolução serão apenas o seu ponto de partida, a fórmula universal da fenomenalidade, que a generalização científica lhe fornece e que ela, a filosofia, terá de analisar e interpretar à luz das ideias. Só assim terá satisfeito não só à razão especulativa, mas às exigências não menos imperiosas da consciência humana.” (Quental, 1989e, p. 108).

Ao introduzir na discussão a ideia de “consciência humana”, Antero de Quental esclarece a sua importância associada à concepção de filosofia, na medida em que essa ideia constituía um critério filosófico. Neste sentido, uma filosofia incapaz de explicar satisfatoriamente os fenómenos da consciência ou estando em contradição com eles, é uma filosofia incompleta ou errada, por deixar de fora ou contradizer justamente “a parte

mais importante da realidade”.

Para Antero de Quental, este critério bastaria só por si para condenar toda a filosofia puramente materialista que se apresentasse na forma de mecanismo atômico, determinismo científico, monismo ou panteísmo naturalista.

A essência do materialismo reside na redução de toda a ordem de fenómenos a forças elementares sujeitas a uma determinação mecânica implacável, sem fim inteligível nem elementos racionais. O que Antero de Quental pretende realçar é o quanto não é positivo o monismo evolucionista da escola de Haeckel, que não é mais do que uma forma de materialismo com a pretensão de ser uma filosofia positiva da natureza.

“Declarar que a liberdade e o sentimento moral são meras ilusões subjectivas e que os mais íntimos e mais autónomos fenómenos da consciência resultam apenas de acções mecânicas e são a transformação dessas acções – é fácil. Agora o que não é fácil, porque é simplesmente impossível, é explicar e fazer compreender [...] como é que o movimento, um grupo de movimentos, por mais complexo que o suponhamos, pode produzir, não já os factos superiores da vida do pensamento, mas o mais elementar, a simples sensação?” (Quental, 1989e, p. 109).

Apesar de afirmar que não pretende, com a sua análise crítica, contestar o valor dos trabalhos da escola monista ou a sua importância filosófica (mas apenas o valor do seu sistema) Antero de Quental admite que todo o edifício do monismo desaba diante da citada pergunta. O que Antero de Quental critica é a pretensão de fundar uma filosofia da natureza com base na generalização de dados de algumas ciências, sem ter em conta o indispensável critério das ideias.

Apesar destas pretensões, Antero de Quental reconhece o valor da tentativa de Haeckel como resultado ou sintoma da tendência para a formação de uma unidade de compreensão assente no terreno científico, saindo da análise e abstracção inerentes à ciência e procurando como fórmula uma ideia de carácter sintético, isto é, uma ideia propriamente filosófica é produto da especulação (e não das generalizações da ciência). Esta tendência é característica do século XIX e resulta de influências do criticismo de Kant e da “feição eminentemente positivista do espírito moderno”.

“Se uma filosofia positiva é e será sempre, como já mostrei, uma quimera, a acção e autoridade directa da ciência na filosofia será daqui em diante (quero dizer, depois da *Crítica da Razão Pura*) um facto que tem de se impor a todos os pensadores.” (Quental, 1989e, p. 110).

A teoria geral da evolução formulada por Haeckel e desenvolvida pelos seus discípulos é uma hipótese filosófica que, sendo produto da elaboração especulativa, acaba por se manifestar no domínio das ciências (Quental, 1989e, p. 110). As suas raízes são fundas e é longínqua a sua procedência. Esta ideia não sai das ciências naturais, mas penetra nelas pela influência obscura e indirecta das noções metafísicas de “natureza” elaboradas a partir da Renascença.

Neste ponto, Antero de Quental faz uma distinção do modo de conceber a natureza: no pensamento moderno, a natureza é concebida de maneira dinâmica, autonómica e realista; no pensamento antigo, tendo Aristóteles como representante, a natureza é concebida como abstracta, inerte, passiva. Neste caso, longe de parecer concreta e espontânea, a natureza é considerada apenas como um reflexo, acto ou emanção de um ser ou seres transcendentais e perfeitos (as “ideias” de Platão; a “inteligência” de Anaxágoras; o “motor imóvel” e as “formas substanciais” de Aristóteles; etc.) exteriores a ela e só verdadeiramente autónomos.

Depois, Antero de Quental traça o plano de uma filosofia da história, entendendo esta como a possibilidade de ser o espírito de uma época (Quental, 1989e, p. 111). Esta é, aliás, mais uma influência do hegelianismo na obra de Antero de Quental. No domínio das ciências naturais e sociais não se verifica a eliminação do elemento metafísico pelo elemento científico, mas uma mútua penetração: da especulação na ciência, pela hipótese que a fecunda e da ciência na especulação, pelo correctivo imposto, em nome da realidade, dos factos positivos ao apriorismo inerente ao pensamento especulativo (Quental, 1989e, p. 112). Por isso, para Antero de Quental, o concurso da ciência e da especulação era indispensável para a constituição definitiva da filosofia moderna e para a organização sistemática do pensamento moderno. Trata-se de uma espécie de síntese dos contributos da filosofia especulativa e da ciência “positiva” para uma teoria geral do desenvolvimento:

“Creio com Haeckel, assim como com Schelling, Hegel, Hartmann, Comte e Spencer, que é no terreno de evolução que essa grande síntese tem de ser construída, e que, depois do século XVIII e depois de Kant, já não é possível uma filosofia que não seja essencialmente uma teoria geral do desenvolvimento, isto é, uma filosofia da evolução. Mas creio também que a organização da ideia de evolução nessa teoria geral do desenvolvimento é problema que excede muito a capacidade especial das ciências da natureza quero dizer, a esfera teórica dessas ciências, porque excede os limites e alcance do puro espírito científico.” (Quental, 1989e, p. 112).

Quanto à metafísica do século XIX, Antero de Quental refere ainda a sua validade, apesar do descrédito em que parece estar envolvida.

“Se a conclusão final das ciências tem de ser, como creio, o mecanismo universal, a conclusão final do pensamento metafísico tem por seu lado de ser o universal idealismo. Mas já hoje se começa a compreender que entre estes dois termos não há contradição essencial e que esta ‘tese e antítese’ é redutível a uma síntese, que satisfaça plenamente tanto a ciência como a especulação.” (FNN, p. 112).

Esta síntese anterioriana deixa-se entrever como não sendo idealista nem materialista no usual sentido das palavras, mas num sentido novo como um “materialismo idealista”. É esta a questão que se desenvolve na secção seguinte.

2.5. A síntese da tese/antítese e ciência/metafísica: a “metafísica positiva”

Depois de apresentar, respectivamente, a tese naturalista (o naturalismo científico ou materialismo metafísico) e a antítese espiritualista (o facto experimental e irreductível da consciência, do espírito, cuja característica é a espontaneidade ou força autónoma, isto é, a causalidade interna, a autodeterminação), Antero de Quental unifica-as e apresenta a síntese. Postulado o carácter inerte da matéria e, simultaneamente, postulado o carácter espontâneo da força espiritual, verifica-se uma irreductível contradição que apenas é solucionada com a síntese trazida por um novo postulado: a consciência, o espírito,

constitui o modelo explicativo da natureza material.

Trata-se de uma perspectiva unificadora. A forma de superar a antinomia positivismo/idealismo metafísico está, segundo Antero de Quental, numa doutrina evolucionista “metafísica-positiva” ou interpretação metafísico-positiva da evolução da natureza. O estudo compreensivo da sua metafísica pode contribuir para a correcta interpretação das suas posições ideológicas. O próprio autor já se preocupava duas décadas antes da *FNN*, quando se referia a uma suposta “filosofia do futuro” que teria de resultar de uma determinação metafísica do positivismo. Efectivamente, esta ideia constitui a pressuposição de um projecto retomado posteriormente com o *Programa dos trabalhos para as gerações novas* (1871-1875) e, designadamente, com *FNN* e *TGF*.

A filosofia da natureza “metafísica-positiva” ou materialismo idealista representa a síntese geral elaborada por Antero de Quental para a antinomia entre o positivismo e a metafísica. Mas, o que é e o que significa uma “metafísica positiva”? É e significa muito mais do que a simples junção de duas palavras ou termos que designam duas doutrinas distintas. Numa missiva a Jaime de Magalhães Lima, datada de 14 de Novembro de 1886, ano da elaboração de *FNN*, Antero de Quental refere que:

“[...] preocupado como ando há anos com a evolução ulterior do pensamento moderno, que eu entendo caminhar para uma compreensão sintética das coisas, ao mesmo tempo idealista e naturalista, isto é, idealista *dentro* do naturalismo [...] fui insensivelmente levado a dar-lhe uma ideia da orientação dos meus pensamentos, e mostrar-lhe como é que concebo que sem se *sair* do naturalismo [...] se pode [...] chegar ao mais completo espiritualismo, a um *panpsiquismo* [...]” (Quental, 1987a, p. 316).

Antero de Quental reconhece que a evolução do pensamento moderno caminhava entre os contributos decisivos de Hegel e de Haeckel, entre a compreensão idealista (a tese) e naturalista (a antítese) da realidade. Por isso, propôs uma síntese: um idealismo “dentro” do naturalismo.

A filosofia surge, deste modo, como uma equação da ciência com a metafísica. A esta equação Antero de Quental chama “metafísica positiva”. No *Programa dos trabalhos para as gerações novas* encontra-se, na verdade, o intento sintético de Antero de Quental

que concilia a ciência e a metafísica e que combate o exagerado positivismo da doutrina de Comte. O seu conhecimento do pensamento de Hartmann reforça esta via para a “metafísica indutiva”, como também designa (Catroga, 2001, p. 36). “Metafísica indutiva” necessariamente não apriorística, com o propósito de se evitar os erros frequentes do cientismo e do dedutivismo idealista. Para isso, deveria partir-se dos resultados das ciências para se chegar aos seus fundamentos metafísicos.

Concomitantemente a esta projecção da síntese anterioriana, o idealismo e o materialismo não seriam incompatíveis nem contraditórias, pois, trata-se de uma “tese antítese” necessariamente redutível a uma síntese que satisfaz plenamente a ciência e a metafísica. Por conseguinte:

“[...] ao ligar o Espírito com a matéria, ela [a nova filosofia] seria ‘superior à ciência como ideia e como critério’, mas estava, todavia, ‘na dependência da ciência, que só lhe fornece a matéria-prima que tem de ser elaborada especulativamente’ [...] contra o dedutivismo, a actividade especulativa não podia substituir-se, por completo, à explicação dos factos da experiência.” (Catroga, 2001, p. 37).

Esta síntese anterioriana designada “metafísica positiva” é o resultado de um conjunto de influências doutrinárias recebidas. Para este esforço sistemático contribuiu essencialmente Hegel e Hartmann, dos quais Antero de Quental recebe capacidades para a especulação filosófica anti-positivista.

3. Conclusão

A *FNN* é um escrito de ocasião e “quase improvisado”, conforme Antero de Quental confessa numa missiva a Jaime Batalha Reis, datada de 12 de Março de 1886: “[...] sendo o meu primeiro escrito filosófico [...] Este escrito foi coisa de ocasião e quase improvisado. Mas as ideias, é que não são improvisadas, antes representam o ponto aonde cheguei no fim de anos de reflexão.” (Quental, 1989d, pp. 771-772).

O ponto onde chega é o de uma síntese sistemática que envolve uma antítese central entre a ciência e a metafísica. Resume-se na necessidade dos resultados da

especulação metafísica deverem corresponder aos resultados da ciência indutiva. Perante o debate entre o cientismo e a metafísica, que marca o século XIX, Antero de Quental preocupava-se quer com a delimitação do campo de acção do conhecimento científico quer com o restabelecimento da validade da metafísica. Admite que o conhecimento científico não é o conhecimento último e perfeito e que o cientismo não esgota a compreensão da realidade. As abstracções ou generalizações dos dados das ciências não se podem bastar a si mesmas nem deixar de ser fecundadas pelas ideias metafísicas de “causa”, “substância” e “finalidade”.

Para Antero de Quental, as ideias metafísicas são postulados necessários para as diferentes ciências e princípios fundadores de uma explicação geral do Universo. Ao contrário do que defende o positivismo, a filosofia só pode ser, segundo Antero de Quental, a compreensão e explicação racional dos factos da realidade.

Referências bibliográficas

- Carvalho, Joaquim de. (1983). *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*. Angra do Heroísmo - Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Catroga, Fernando. (1991). Política, história e revolução em Antero de Quental. *Revista de História das Ideias*. (13), 7-55.
- Catroga, Fernando. (2001). *Antero de Quental: História, socialismo, política*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ceia, Carlos. (1997). *De punho cerrado: Ensaio de hermenêutica dialéctica da literatura portuguesa contemporânea*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Coimbra, Leonardo. (1982). O pensamento filosófico de Antero, in Leonardo Coimbra, *Obras de Leonardo Coimbra*. Vol. II. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Cunha, Norberto. (1991). Ciência, cientismo e metaciência em Antero de Quental. *Revista Portuguesa de Filosofia* (47), 325-348.
- Martins, Ana Maria de Almeida. (1981). *Cartas de Vila do Conde de Antero de Quental*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Matos, Joaquim. (1992). Incidência da obra e da acção de Antero na mutação da mentalidade portuguesa. *Revista de Guimarães*. (102), 271-291.

- Pimenta, Alberto. (1992). Antero de Quental: método paradoxal, pontual. *Revista de Guimarães*. (102), 249-266.
- Quental, Antero. (1987a). *Textos doutrinários e correspondência*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Quental, Antero. (1987b). *Sonetos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Quental, Antero. (1989a). *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Quental, Antero. (1989b). *Filosofia*, in Joel Serrão, *Obras completas de Antero de Quental*. Lisboa: Universidade dos Açores e Editorial Comunicação.
- Quental, Antero. (1989c). *Cartas I (1852-1881)*, in Joel Serrão, *Obras completas de Antero de Quental*. Lisboa: Universidade dos Açores e Editorial Comunicação.
- Quental, Antero. (1989d). *Cartas II (1881-1891)*, in Joel Serrão, *Obras completas de Antero de Quental*. Lisboa: Universidade dos Açores e Editorial Comunicação.
- Quental, Antero. (1989e). *A filosofia da natureza dos naturalistas*, in Joel Serrão, *Obras completas de Antero de Quental*. Lisboa: Universidade dos Açores e Editorial Comunicação.
- Sá, Victor de. (1977). *Antero de Quental*. Porto: Editora Limiar.
- Saraiva, António José & Lopes, Óscar. (1989). *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Serrão, Joel. (1984). Nas origens do pensamento filosófico de Antero de Quental. *Revista de Filosofia e Epistemologia*. (5), 95-107.
- Serrão, Joel. (1991). Em busca do contexto do último escrito filosófico de Antero. *Revista de História das Ideias*. (13), 73-109.
- Silva, Fernando M. Soares. (1986). *Antero de Quental: Evolução da sua filosofia existencialista e do seu pensamento pedagógico*. Angra do Heroísmo - Secretaria Regional dos Assuntos Sociais e Direcção de Serviços de Emigração.
- Silva, Lúcio Craveiro da. (1992a). *Antero de Quental: Evolução do seu pensamento filosófico*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
- Silva, Lúcio Craveiro da. (1992b). Antero de Quental na filosofia do seu tempo. *Revista de Guimarães*. (102), 41-50.
- Torgal, Luís Reis. (1992). Antero e o “integralismo”: Interpretação e ideologia. *Revista de Guimarães*. (102), 119-141.